

do assento confortável e acolchoado, mas ao agarrar seu braço, ela cravou os dentes na mão fechada que a agredia e mordeu com toda a força que pôde reunir.

Ficou orgulhosa com o fato de que foram necessários mais dois homens para ajudar o condutor a destituí-la. Ela lutou como um tigre. Os homens agarraram suas mãos e pés, arrastando-a pelo corredor e rasgando seu casaco de viagem. Ela se segurou nos bancos, arranhou e esperneou, mas havia muitos deles e apenas uma dela. As passageiras brancas permaneceram em seus lugares e bateram palmas quando ela foi expulsa. Não era uma senhora. Não era uma mulher. Era uma negra. O vagão Jim Crow não tinha designação de gênero. Ida Wells escolheu deixar o trem em vez de sofrer a humilhação do carro segregado, que também era onde os homens brancos podiam fumar e beber. A conduta proibida na primeira classe era permitida no vagão de cor. Homens brancos fumavam no vagão imundo, cuspiam no chão, bebiam, xingavam, liam revistas obscenas, encaravam com cobiça e molestavam mulheres de cor. Como uma jovem lembrou: "Você ficava à mercê do condutor e de qualquer homem que entrasse lá". Ida estava familiarizada com "todas as terríveis tragédias sofridas por garotas de cor que foram obrigadas a viajar sozinhas nesses vagões".² Esse havia sido o motivo de sua escolha pelo vagão das senhoras.

Por sorte, não houve hematomas, olhos roxos ou costelas quebradas. Para a srta. Jane Brown, outra mulher de cor que tinha sido retirada de um vagão da primeira classe anteriormente, a ação foi justificada após o ocorrido com a acusação de que "ela não era uma pessoa respeitável",³ mas "uma cortesã notoriamente pública, dada ao uso de linguagem profana e a uma conduta ofensiva em espaços públicos". O dano causado a Ida Wells foi justificado não por má reputação, mas por seu status de "não exatamente humana".⁴ Uma senhorita negra e uma vaca preta eram estranhamente equivalentes e indicativas da crise de categoria que ela personificava. Que tipo de mulher ela era, se é que era uma mulher? A questão não se mostrou menos presciente ou urgente que antes. Um século depois, esse questionamento alcançaria proporções míticas: *E eu não sou uma mulher?*⁵ O domínio da incerteza era tão inescapável que não fazia tanta diferença que Sojourner Truth ainda

não tivesse dito essas palavras.* Como Ida Wells experimentou diretamente, uma mulher de cor podia ser tachada de prostituta, xingada de "mulata insolente e vulgar"⁶ e ameaçada com castração.

Ao voltar para casa, ela decidiu contratar um advogado e enfrentar a companhia ferroviária no tribunal. Ser obediente não estava em sua natureza. Segundo sua própria descrição, ela era tempestuosa, cabeça-dura e obstinada,⁷ o que significava que estava preparada para confrontar os homens brancos e a lei, opondo-se a eles, ao mundo inteiro se necessário fosse. Ida Wells não se colocaria em seu lugar nem se prostraria diante da raça dominante. Ao compartilhar sua história com o advogado, sua voz não falhou pela mortificação que o incidente violento tencionou produzir; em vez disso, liberou sua intrepidez inata e uma qualidade de coragem tão feroz e resoluta que a permitiu fazer o que os negros "razoáveis" se negavam a fazer — confrontar, batalhar, boicotar e se opor à supremacia branca em todas as frentes. Apenas a pele a traía enquanto contava o que havia acontecido; sua pele formigava enquanto se lembrava das mãos dos homens brancos em seus braços e pernas, agarrando-lhe a cintura. O gosto amargo das palavras presas na garganta poderia ter causado náusea ou levado uma mulher mais frágil às lágrimas, mas ela manteve o controle.

O condutor e o carregador de bagagens poderiam ter feito coisa muito pior, e a lei teria permitido. Ela sabia, em primeira mão, de coisas terríveis que aconteciam às mulheres negras. Naquele mesmo dia, tinha lido no *Appeal* sobre o caso de uma mulher de cor que fora linchada em Richmond, Virgínia. Coisas terríveis ocorreram na família dela também. Lembrava-se nitidamente de uma conversa entre a avó, Peggy, e seu pai, James Wells, sobre o antigo senhor e sua esposa. O pai era prole do senhor de escravos, uma propriedade, não filho. A avó comentou que a sra. Polly, a antiga senhora, queria ver James e seus filhos. A veemência da resposta de seu pai surpreendeu a jovem Ida: "Não quero ver aquela velha enquanto eu estiver vivo. Nunca vou esquecer como ela despiu e açoitou você no dia seguinte à morte do velho.

* Referência ao discurso proferido em 1851 por Sojourner Truth, "E eu não sou uma mulher?".